

# tomada de posse<sup>1</sup>

*A amargura é o futuro  
da humanidade.*

Auguste Blanqui

<sup>1</sup> *Prise de Possession* é um termo jurídico do Código Civil francês referente à posse ilegal sobre um bem. É, também, um termo colonialista relativo à “conquista de posse” da Nova Caledônia pela França, assinada em 1853. Michel subverte o termo, utilizando-o num sentido bastante usado na época referente à tomada do poder pelo povo, preferindo este termo a outros como “expropriação” (Nota do Tradutor).

## 1.

No dia 23 de dezembro de 1888, em artigo intitulado *Visite des bouges* (Visita aos Cortiços), um jornal protestava contra o fato de que as pessoas dispostas a tal visita encontraram, num destes locais chamados cortiços, uma mulher sozinha<sup>2</sup>, em pé num tipo de tribuna, exclamando que “a amargura é a ordem pela harmonia.”

A verdade deve surgir dos cortiços, pois, desde o alto, não temos se não mentiras.

<sup>2</sup> Trata-se da própria Louise Michel, que evoca neste trecho um pronunciamento dado no *Faubourg du Temple*, para a população (N.T.).

A busca pela justiça deve vir dos deserdados e dos fora-da-lei.

Os males intoleráveis que estes sofrem desde o começo das sociedades humanas atingiram uma acuidade tão grande que escolheram se livrar deles como se arrancassem vestes em fogo, deixando pelo caminho pedaços queimados de sua própria carne.

Não é que os miseráveis não tenham tentado, já, se libertar. O problema é que há uma noite infinita de ignorância em que são metidos, cuja saída lhes é impossível.

O pássaro dificilmente constrói seu ninho novamente nas mesmas condições; o animal caçado, caso escape das armadilhas ou dos cães de caça, não se deixa enganar uma segunda vez. Quando não querem mudar as condições que as produzem, homens solitários suportam eternamente as mesmas dores.

Seria bom que, enfim, o ninho da humanidade fosse construído sobre um galho sólido. Seria bom que mudássemos a base, ao invés de perder tempo rearranjando fios de palha.

A base será a justiça igualitária, que tomará o lugar da força.

É o momento, e não nós, que criamos uma nova ordem de coisas; as circunstâncias se amontoam. A luta desesperada, sem medo ou misericórdia, é, agora, bem fundamentada. Não é mais o rebanho humano que a força de um beluário pode derrubar; mas a jovem humanidade que se levanta ao amanhecer, pronta para derrotar os monstros, armada pela ciência dos meios invencíveis.

Os frutidores<sup>3</sup> magníficos e pacíficos deveriam distribuir a todos os grãos hoje em gérmen no sangue das turbas.

“Saber, querer, ousar, calar”, dizia a Esfinge do Egito! Conhecemos nosso fim: é a libertação de todos, por todos. Queremos e ousaremos a liberdade. Quanto a nos calar, é aí que nos diferenciaremos da Esfinge, pois gritamos aos privilegiados aquilo que há de mais alto, para que compreendam a iniquidade

<sup>3</sup> Frutidor: décimo-segundo mês do calendário revolucionário francês. Estendia-se entre 18 de agosto e 16 de setembro, relacionando-se ao amadurecimento das colheitas, banhadas de sol entre agosto e setembro (período de verão no hemisfério norte) (N.T.).

das coisas que os protegem; aos deserdados, gritamos para que se revoltam.

Não é um crime esperar enquanto milhões de seres são massacrados sob a égide da miséria como um frumento humano, como uvas numa prensa? É desta forma que o mundo burguês come seu pão e bebe seu vinho, comungado, assim, sob ambos os emblemas.

Consideremos as coisas com sangue-frio: aqueles que viram os incêndios das fazendas sabem que, nestas ocasiões, é de bom tom ir em busca dos cavalos assustados, que mergulham nas chamas ao invés de deixar o estábulo que se desintegra sobre suas cabeças; bem, uma parte da multidão é assim.

Felizmente, não podemos reviver os dias de outrora e o velho mundo, como árvores cem vezes seculares, se desintegrando em pó de um momento para outro.

O poder está morto. Como os escorpiões, matou-se. O capital é uma ficção, pois, sem trabalho, não pode existir. E não se trata de padecer pela República, mas de construir a República social.

O pai infeliz que, nestes dias, dá a seu filho um copo de ácido sulfúrico como se fosse de vinho branco, não é culpável. A criança não morre pelo pai, mas por esse regime de grandes sendas que apresentamos como "a República". Cremos ir de encontro à vida, mas chegamos à morte.

Não existe nenhuma diferença entre um império e qualquer governo regido pelos mesmos meios a não ser pelo título e pela quantidade de soberanos. Nossa República possui milhares de reis.

Aquilo a que se pode chamar de *republicae* seria algo de todos: a humanidade livre caminhando sobre um mundo livre.

O trabalho morto e a miséria abundam pelos povos; a abundância e o prazer são exclusivos aos mestres. Eis os governos ao redor de todo o mundo. Podeis chamar isso de todos os nomes possíveis, porém, são os mesmos, são impérios diferentemente trajados.

Erraríamos, entretanto, em não reconhecer quão grandiosa é a lógica das coisas. Mais preconceitos caíram por terra esse ano do que vimos desaparecer ao longo de toda nossa vida. Não é

que os tenhamos destruído. Aqueles a quem os preconceitos trazem benefícios foram pressionados como vacas leiteiras ao ponto de que os mais ingênuos abriram seus olhos: por todo lado, as cordas são puxadas com força suficiente para começarem a se romper.

Podemos ainda falar de sufrágio universal sem rir? Todos são obrigados a reconhecer que esta é uma péssima arma e que o poder a tem sob controle, o que deixa muito pouco aos bons eleitores a não ser a escolha dos meios para que sejam treinados e embalados.

Quando Atai<sup>4</sup> encabeçou a revolta das tribos contra a ocupação francesa para reconquistar a liberdade, foi combatido por obuses desde o alto das montanhas, enquanto os confrontava com lanças (o que deu a vitória àquilo que chamamos “civilização” contra o que se tornou convenção denominada “selvageria”).

Foi muito bonito o enfrentamento dos Kamaks<sup>5</sup> contra a artilharia mo-

<sup>4</sup> Grande chefe Kamak, líder da rebelião contra os colonizadores franceses em 1878 (N.T.).

<sup>5</sup> Kamak é um povo autóctone da Nova Caledônia, no arquipélago da Melanésia, ao leste da Austrália. O

derna munidos de lanças, estilingues e fuzis velhos obtidos através de longos anos de pilhagem em Nouméa<sup>6</sup>. O motivo da luta, entretanto, não deve ser posto em dúvida: as cédulas eleitorais vendidas pelas promessas de candidatos não valem mais do que as lanças contra os obuses.

Pensais, cidadãos, que os governantes vos permitiriam qualquer ação se pudésseis vos servir de uma revolução?

Vosso voto é a oração aos deuses surdos das mitologias, qualquer coisa como o mugido de um boi perante o abate. É necessária muita estupidez para que fizesseis com que isso contasse novamente, assim como seria necessário que não

nome foi usado pejorativamente ao longo dos anos, até que na década de 1960, foi resgatado de forma consistente na luta pela autonomia político-cultural. Na época em que Michel escreveu, a Nova Caledônia era uma colônia penal para a qual a própria autora havia sido levada. Esta experiência deu origem a *Lendas e Caros de Fgestas Kamaks*, de 1885. Até hoje, a Nova Caledônia é um território francês. Em 1998, o Acorde de Nouméa deu permissão para a realização de três referendos sobre a independência do território. O primeiro ocorreu em 2018, o segundo em 2020, ambos rejeitando a independência, e um terceiro se realizará em 2022 (N.T.).

<sup>6</sup> Capital da Nova Caledônia (N.T.).

vos enojásseis guardando ilusões sobre o poder, mesmo vendo-o revelar-se muito bem em ação.

“Depois de nós, o fim do mundo!”  
Eis o que devem dizer os tristes senhores que arrecadam subornos maiores que o tonel de Heidelberg<sup>7</sup>: o fim de seu mundo. Sim, esse será o começo de um novo eoceno.

Falemos das coisas como lhes é merecido: as leis que pretendem ajudar o progresso, pelo contrário, as encerram em um círculo de ferro. Caso contrário, não serviriam a nada.

Será que um governo que suceda a outro, enganchado na mesma rede, fechado como um esquilo numa mesma jaula (na qual, com mais ou menos atividade ele corre em círculos numa roda), pode fazer algo diferente de seu antecessor?

Por acaso a razão de Estado não o torna impotente a qualquer outra coisa que não sua própria conservação, em nome da qual esta razão mesma sacri-

<sup>7</sup> O Tonel, ou Barril de Heidelberg, é um conhecido barril de vinho instalado no Castelo de Heidelberg, Alemanha, construído em 1751 e com capacidade original de 221,726 litros (N.T.).

fica milhões de pessoas e tudo aquilo que sustentaria milhões de outras? Não há diferença entre o rebanho e o gado humano: é preciso tosá-los e abatê-los.

A constituição que nossos ancestrais esboçaram há cem anos com a mesma madeira de seus andaimes, e cujas reações subsequentes abafaram, fez os déspotas tremarem como perante o rugido de um leão. Rapidamente, eles se deram conta de que suas leis serviam de jaula para a fera, e o deixaram rugir o tempo que quisesse, pois as barras de ferro são sólidas e a porta está bem trancada.

As coisas simplesmente mudaram de nome. A moenda continua tão pesada quanto antes. É ela que devemos quebrar a fim de que ninguém volte a usá-la para moer as multidões.

Há muito tempo as urnas se congelam e se vomitam periodicamente sem que seja possível fornecer uma forma incontestável outra que não esses pedaços de papel, carregados, diz-se, da vontade popular, e que se pretendem carregadas de raios, não carregando, entretanto, absolutamente nada.

A vontade do povo! Por esses meios  
é que nos preocupamos com a vontade  
do povo?!

Caso essa vontade incommode, é deixada de lado: é isso. Pretende-se que ela seja contra a lei e, caso lei não haja, basta fabricá-la ou simplesmente demarcá-la, tal qual escritores sem imaginação demarcando o capítulo de um romance.

O sufrágio, dito universal, é a última esperança daqueles que querem a sobrevivência da velha sociedade leprosa. Não a tendo podido salvar, ei-la madrastra, parricida, estendida sobre a mesa de dissecação, tão putrefata que é preciso lhe enterrar o cadáver ao redor do qual, semelhante aos coros da Antiguidade, gemem e vociferam todas as dores que causou.

Não faz muito tempo que a finança e o poder viveram suas bodas à chegada de cada novo governo; isso ocorre desde sempre, enquanto dias pesados e sombrios se acumulam como areia sobre as multidões, sobre os mais explorados, mais miseráveis que animais destinados ao abate.

## II.

É provável que, na infância da humanidade, os primeiros a cercarem um pedaço de terra cultivado por eles mesmos o tenham feito somente para abrigar seu trabalho, do mesmo modo que se organizam ferramentas. Na ignorância geral e na simplicidade das necessidades, havia ainda espaço para todos.

Hoje, não é o trabalho próprio aquele que cercamos com barreiras, mas o trabalho dos outros. O que serve para que tantos vivam suntuosamente sem fazer nada não é aquilo que eles mesmos semearam, mas o que outros semearam ao longo de milhares de anos.

Se hoje, portanto, fazer algo não garante o germinal de ouro, para a economia o tempo é de colheita. Fecundada a podridão social, a colheita promete: é alta e densa, e felizmente não adentrará os covis de seus monopólios; o maromoto de multidões lavará tudo, afogando os feixes e lançando-os à terra.

Assim como a antropofagia passou, também o capital passará. Aí está o coração do vampiro. É ele que é preciso abater.

Como na lenda húngara, é lá que a estaca deve ser fincada, tanto para a libertação daqueles com posses quanto para a dos deserdados: não mais será necessário o patricídio para que retiremos os sapatos dos mortos.

De festa em festa, de hecatombe em hecatombe, o capital, minado por todos os crimes que comete, corroído por seus próprios abusos, não tem mais o que fazer senão desaparecer.

O grotesco se impôs: é Harpagon<sup>8</sup>, roubando a si mesmo, tanto quanto Shylock<sup>9</sup> se remunerando com carne viva, acuados como cães enraivecidos diante da necessidade do trabalho para se preservar da morte.

O próprio trabalho se surpreende quando percebe que, sem ele, nada pode existir. Tendo tudo produzido, sempre oprimido pela miséria e pela fome, possui uma herança real, que é produzida sem cessar e é, aliás, a herança de todo humano – o trabalho não adere o espírito comunista para refazer privilégios

<sup>8</sup> Personagem principal de *O Avarento* (1668), de Molière (N.T.).

<sup>9</sup> Personagem central de *O Mercador de Veneza* (1600), de William Shakespeare (N.T.).

e castas – que se estende à apropriação pelo trabalho, pela ciência e pelas artes, de tudo aquilo que lhes pertence, isto é, do solo fértil, das máquinas que multiplicam a produção e reduzem as horas de trabalho. E que se estende, também, às forças da natureza, para que sirvam de instrumentos dóceis e potentes.

O capital, abandonado a si mesmo, é estéril como o granito. Um Deus tão moderno quanto ilusório, como todas as divindades que cobriram a terra de ruínas, começa a ser reconhecido como tão fictício quanto os fios de cabelo de raposa que servem de moeda aos *Kanaks*.

Se os produtos da indústria humana, exibidos na Exposição<sup>10</sup>, fruíram de uma resposta fértil para cofres já cheios, tais produtos tiveram, ao mesmo tempo, a imensa vantagem de provar de que modo as descobertas podem multiplicar infinitamente os recursos da humanidade! A questão é simples e conclusiva.

<sup>10</sup> Trata-se da Exposição Universal, realizada pela primeira vez em Londres, em 1851, seguida pela de Paris em 1855. Iniciativa de Albert, Príncipe Consorte do Reino Unido, a Exposição tinha como objetivo apresentar aos povos (europeus) os avanços da civilização industrial (N.T.).

Duas coisas, entre outras, eram claras nesta Exposição: na galeria de pintura, o retorno da caça na *époque du renne*<sup>11</sup>; anteriormente, talvez no começo das eras, o macho jogava a presa ensanguentada no chão. Seu rosto trazia uma força calma, força do amanhecer do mundo – a família, e talvez a tribo, já haviam nascido – a força serve apenas para tornar a vida possível na natureza severa. Há caça, especialmente de animais selvagens, sem dúvida, mas não há guerra. Os homens precisam um dos outros – ao evoluir, a força não mais protege, mas esmaga; esse é seu fim.

Na galeria das máquinas, por sua vez, exibiam-se monstruosidades. Um ruído de colmeias, como o que causariam as abelhas de apiário, te cativa e quase te puxa para dentro de engrenagens colossais.

Que abismo entre ambas as épocas! As duas extremidades do círculo se juntam e um novo ciclo se abre, desenhando novos ciclos eternamente, cada vez

maiores, que se desfazem como aqueles que se formam quando lançamos uma pedra na água.

Neste tempo provisório, envolto na mortalha de uma crisálida, a humanidade sente surgir novos sentidos – enquanto alguns, antigos, se prolongam. A personalidade se expande para milhares de vidas que se agitam ao nosso redor, parecidas a uma gota de água na imensidão do mar. A terra parece pequena e dir-se-á que outras esferas virão ao chamado da internacional dos mundos, não deixando sobrar no coração ou nas páginas nenhum suspiro humano. Prímatas que somos, vivemos para adiante, sem mesmo nos dar conta.

As forças desconhecidas, cujas causas nos escapam, naturais quanto podem ser, os erros de nossa apreciação, a lerdeza da linguagem que reveste mal o pensamento, a ignorância das próximas descobertas, todas essas coisas nos tratam – não há mais palavras para tudo aquilo que pode, ainda, apontar. Últimos de uma época, semeamos, batemos a argamassa; outros construirão o edifício

<sup>11</sup> Termo usado na época para designar o Paleolítico superior, em que as renas abundavam no continente europeu, tendo sido representada na arte parietal e, de forma destacada, na gruta de Font-de-Gaume, na Dordonha (N.T.).

cio e nós desapareceremos envoltos por tudo o que vivia como um sudário, cujos cantos são devolvidos ao cadáver. Quando, sob a mortalha das águas, reencontrarmos Atlântida, naufragada como um navio, ela não estará mais morta que nós, ontem ou hoje, uma vez que partirmos. Somos o mesmo espectro que testemunhou tempos passados; os homens que morrem se assemelham a moléculas que se renovam sem que o corpo, a humanidade, se aperceba.

A vida universal começa a ser descoberta; a atração que puxa o ferro em direção ao ímã, que sustenta os globos no espaço, se faz sentir também nos grupos humanos; estes reconheceram que não são mais insensíveis a esta inclinação do que qualquer coisa na natureza, cujas leis se fazem conhecer à medida em que as mentiras desaparecem.

A atração pelo progresso se afirmará na medida em que se garanta o pão e algumas horas de trabalho – tornado atraente por ser voluntário –, que serão suficientes para produzir mais do que o necessário para o consumo.

### III.

“Tomada de posse” ou “apropriação” são termos mais exatos do que “expropriação”, pois esta implica uma exclusão de uns ou outros, o que, para nós, não pode existir. O mundo inteiro é para todos, e cada um deve ter o que lhe cabe: a terra ao sementeiro; o mármore ao escultor; o oceano aos navios. São essas as verdades de *La Palisse*<sup>12</sup>, e temos que admitir que estas ainda não foram compreendidas.

Aqueles que vivem da estupidez humana cultivam-na tão amplamente que se recusam a reconhecer coisas absolutamente elementares.

A propriedade individual se obstina a viver, malgrado seus resultados antissociais, os crimes que causa em toda parte (dos quais apenas a centésima fração é conhecida), a impossibilidade de viver mais, presos à miséria eterna. O colapso das sociedades financeiras

<sup>12</sup> Jacques II de Chabanes, ou Jacques de La Palisse, foi um nobre e militar francês, senhor de La Palisse, nascido em Lappalisse, em 1470 e morto em 1525 em Pavia, na Batalha de Pavia, como Marechal da França sob Francisco I. Seus feitos foram de grande popularidade e se tornaram objetos de trovras e sátiras (N.T.).